

A pandemia Covid e o esquecimento da respiração. Uma aproximação hermenêutico-fenomenológica

The Covid Pandemics and the Forgetting of Breathing. A Hermeneutic Phenomenological Approach

EDGAR LYRA

(Pontifícia Universidad Católica de Rio de Janeiro)

Resumo: A gestão da Covid no Brasil está entre as piores do mundo, com número de óbitos inaceitavelmente alto. É inclusive estranho que esses resultados não tenham sido capazes de disparar entre os brasileiros nenhuma mobilização social mais decisiva. Não obstante o reconhecimento da importância do debate mais estritamente político, o objetivo deste artigo é ensaiar uma reflexão fenomenológica sobre a respiração, tendo Heidegger como referência principal. A Covid é afinal uma doença respiratória, que nos convida – ou deveria convidar – a pensar sobre a *respiração* sob perspectivas históricas, ontológicas e existenciais. São dois os temas a discutir: nossa empobrecida relação com o respirar, e a dificuldade de encontrar, mesmo diante de mais de 600 mil mortes direta ou indiretamente causadas no Brasil por asfixia – e mais de 5 milhões no mundo –, caminho para discutir o assunto com mais profundidade.

Palavras chave: pandemia, respiração, fenomenologia, Heidegger, Brasil

Abstract: Covid's management in Brazil is among the worst globally, with an unacceptably high number of deaths. It is even strange that these results could not trigger any more important social mobilization among Brazilians. Even recognizing the importance of the more strictly political debate, this article aims to rehearse a phenomenological reflection on breathing, with Heidegger as the primary reference. After all, Covid is a respiratory disease, which invites us – or should do it – to think about *breathing* from historical, ontological, and existential perspectives. There are two themes to be discussed: our impoverished relationship with breathing and the difficulty to find, even in the face of more than 600 thousand deaths directly or indirectly caused by asphyxia in Brazil – and over five million worldwide – a way to discuss the subject in greater depth.

Key-words: pandemic, breathing, phenomenology, Heidegger, Brazil

1. O contexto brasileiro como ponto de partida¹

A primeira morte por Covid-19 no Brasil ocorreu no dia 12 de março de 2020. Mais de 620.000 pessoas morreram desde então pelas estatísticas oficiais². O país é o segundo em número total de óbitos, apenas atrás dos EUA, contabilizando em 2021 a maior média diária de mortes. A gestão brasileira da pandemia se conta entre as piores

¹ Este artigo teve uma versão inicial de duas páginas publicada em inglês no *Keanean Journal of Arts* (2020), com o título de "Covid pandemic in Brazil and the world: an approach through breathing". Foi apresentando em forma já próxima da atual no XXVI Colóquio Heidegger (2021).

² World Health Organization (2022, janeiro 9) e Worldometer Coronavirus (2022, janeiro 9).

do mundo e continuará muito provavelmente a ser estudada no futuro, como exemplo negativo de gestão. Marcada pela desinformação intencional e pela recusa renitente às recomendações dos órgãos internacionais, o desatino governamental produziu, além da quantidade enorme de lutos evitáveis, terríveis resultados econômicos, sociais, étnicos e ambientais. Será importante pensar por que e como os brasileiros enveredaram por senda de tal modo insólita, alternativamente, por que essa situação não foi capaz de disparar nenhuma mobilização social mais decisiva.

É verdade que, no plano acadêmico-intelectual, textos de filósofos como Giorgio Agamben, Slavoj Žižek, Franco Berardi, Judith Butler, Byung-Chul Han e Paul Preciado circularam muito prontamente no Brasil³. Muitos eram francamente pessimistas. Outros flertavam com uma espécie de ponto de inflexão na história do tecnocapitalismo⁴. Também pesquisadores brasileiros como André Duarte, Vladimir Safatle, Eduardo Jardim, Pedro Duarte, Márcia Cavalcante, Maria Cristina Franco Ferraz e Tito Palmeiro escreveram bons artigos e livros sobre o assunto⁵.

Fato igualmente notório é que parte da grande mídia brasileira fez e ainda faz forte e diária carga contra a resistência governamental às recomendações do *main stream* científico⁶. Mas, mesmo reconhecendo a importância das reflexões mais estritamente políticas, bem como da postura cientificamente alinhada da grande mídia, cuida-se aqui de evidenciar que até agora não circulou no Brasil nenhuma reflexão mais importante sobre a respiração em si mesma, nem de extração local, nem importada de outros centros assolados pela pandemia.

É no mínimo curioso, visto que a Covid-19 é principalmente uma doença respiratória, e que milhões de pessoas mundo afora morreram de falta de ar⁷, que o tema da respiração permaneça sub-explorado. Até onde foi a pesquisa, entre os mais renomados intelectuais apenas Achille Mbembe endereçou o problema mais diretamente no seu ensaio «Le droit universel à la respiration»⁸. Há na área médica, é verdade, um website mantido pela Durham University e pela University of Bristol, intitulado *The Life of Breath* (2015-2020). É devotado a tirar a respiração da sua invisibilidade e promove práticas

³ Esses são todos exemplos de autores que escreveram e publicaram textos sobre o assunto muito prontamente. Foram reunidos e republicados na Espanha, por Amadeo, Pablo: *Sopa de Wuhan*, março de 2020.

⁴ Os textos primeiramente publicados por Agamben e Žižek ilustram essa diversidade de perspectivas. Podem ser lidos em inglês, respectivamente, em Agamben, Giorgio (2020): “The invention of an epidemic”; e Žižek, Slavoj (2020): “Coronavirus is ‘Kill Bill’-esque blow to capitalism and could lead to reinvention of communism”.

⁵ Duarte, André (2020): *A pandemia e o pandemônio*; Duarte, Pedro (2020): *A pandemia e o exílio do mundo*; Safatle, Vladimir (2020): “Bolsonaro se acha capaz de esconder os corpos”; Idem (2020): “O Brasil e sua engenharia da diferença”; Jardim, Eduardo (2020): “Crônicas sobre a Covid-19”; Cavalcanti, Márcia (2020): Pensar em tempos de pandemia; Franco Ferraz, Cristina (2020): “Pandemia pensante – notas sobre o que estamos nos tornando”; and Palmeiro, Tito (2020): “Chorar nosso mortos”.

⁶ Os três maiores jornais do país – *O Globo*, *Folha de São Paulo* e *Estadão* – além da maior rede de televisão – a *Rede Globo* – assim têm se posicionado.

⁷ O entendimento de que os sintomas respiratórios são prevalentes, mas não exclusivos na sintomatologia da Covid 19, foi compartilhada desde cedo pelos médicos, como se pode depreender da entrevista de Lotufo, Paulo, para a BBC News Brasil (2020, maio 15). Essa percepção foi mais tarde reforçada por estudo que evidencia os aspectos vasculares da doença: ver Manor U., Yuan Z.-Y., Shyy J.Y.-J. et al., publicado na *Circulation Research*, April 2021. Fato é que, nem a multiplicidade de sintomas, nem a recente revisão da etiologia primária da doença alteram os aspectos fenomenológicos que este artigo se esforça por evidenciar.

⁸ Embora Mbembe foque principalmente no «brutalismo» capitalista, há no seu texto vários pontos de afinidade como nossa aproximação.

muito caras a este artigo. Um de seus posts, datado de 7 de abril de 2020 e assinado por Sarah McLusky, tem como título a pergunta: «A pandemic of breathlessness?» Nele se lê: «Embora a falência respiratória seja central no diagnóstico da Covid e um signo da progressão da doença, mesmo sendo um sintoma pervasivo de uma doença severa, isso ainda não é claramente visível na mídia»⁹.

É claro, pode ser que em tempo próximo essas e outras considerações mais filosóficas e interdisciplinares sobre a respiração ganhem força, ou mesmo que algo já esteja sendo feito e tenha escapado a esta prospecção. Será ótimo se assim for, não importando por quais vias e autorias.

De todo modo, a motivação deste artigo melhor se delinea ao juntar essa descrição contextual ao entendimento da pandemia de Covid como algo que transcende o espectro da saúde pública, inclusive seus efeitos político-econômicos, convidando a uma discussão mais ampla e corajosa sobre nosso modo hegemônico de vida. Ao mesmo tempo central e recalcada neste cenário, a questão da respiração pode abrir interrogações importantes sobre o mundo no qual vivemos e do qual deveríamos cuidar, sendo essa a aposta que orienta os passos seguintes em direção a uma fenomenologia da respiração.

2. Recortes necessários

O primeiro e mais corriqueiro sentido da palavra respiração é sem dúvida oriundo do nosso próprio respirar. Todos temos familiaridade com a respiração e sabemos o que significa respirar, assim como sabemos o que significa *tempo* até que nos peçam explicações.¹⁰ As tentativas de definição da respiração resvalam, via de regra, para o âmbito científico. Mas esse caminho não só se desvia das questões existenciais aqui carentes de atenção, como engendra problemas que pouco préstimo têm para a compreensão cotidiana do respirar. A acepção de «troca de gases relacionada à sustentação de processos vitais» remete à dimensão celular e às respirações anaeróbicas, tendo a meio caminho as respirações traqueais, branquiais e cutâneas, ou seja, distanciando-se visivelmente do entendimento ordinário.

Numa outra direção, a compreensão corrente da respiração associa-se a boa parte dos atuais e prementes problemas. Tem a ver com nossas relações com o meio ambiente, com a conservação ou destruição das florestas do planeta e por aí com a poluição atmosférica. Tem a ver com as máscaras que ainda estamos instados a usar e com as máquinas respiratórias demandas por aqueles severamente infectados com o coronavírus. Historicamente falando, pode-se evocar a qualidade do ar nos porões dos navios negreiros, o uso do Zyklon B na Segunda Grande Guerra e, mais recentemente, o paradigmático assassinato de George Floyd nos EUA. De tempos em tempos, vivenciamos estrangulamentos econômicos. O próprio passo das nossas vidas está ligado à respiração. Falamos de asfixia em sentido psicológico, e mesmo físico, quando experimentamos ansiedade severa, e isso parece estar se tornando cada vez mais frequente numa era tecnológica em progressiva aceleração. Nesse sentido alargado, a respiração tem a ver com pulso, ritmo e tempo, com a relação com os outros humanos e não humanos, se configurando como medida, figurada que seja, para todo o vir a ser.

⁹ Tradução minha de: “Although breathlessness is central to the diagnosis of Covid-19, and also a sign of disease progression, it is still not highly visible in the media, despite being a pervasive symptom of severe disease”. O financiamento da pesquisa que originou o site, que tem entre os seus idealizadores a filósofa Havi Carel, terminou curiosamente em meados de 2020.

¹⁰ Ver Agostinho (1973). *Confissões*, Livro XI, cap. 14.

Por tudo isso, a presente pandemia de Covid-19 teria potencial para significar não apenas uma ameaça sanitária a ser eficientemente combatida, mas uma inusitada chance de mitigação do nosso presente alheamento da respiração e, por aí, a saber com que reverberações e em que tempo, de abertura de outras seminais questões e conversas sobre nossas existências.

A fenomenologia, por sua vez, caminho teórico escolhido para explorar esse potencial, é uma corrente filosófica ao mesmo tempo muito conhecida e de contornos a precisar. Remete originalmente a Edmund Husserl (1859-1938) e, a partir dele, a Martin Heidegger (1889-1976), a Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), Eugen Fink (1905-1975), Hannah Arendt (1906-1975) e Jean-Paul Sartre (1905-1980), entre muitos outros pensadores importantes, mortos e vivos. As apropriações do projeto inicial husserliano são de fato muitas e bastante matizadas. Aqui seguimos pela vereda heideggeriana e sua inflexão hermenêutica, não obstante as muitas críticas à restrita atenção dada ao corpo e à respiração propriamente dita em sua obra, mesmo objeções pontuais como a expressa no título do livro de Luce Irigaray: *L'oubli de l'air chez Martin Heidegger*.¹¹

As razões para a escolha, espera-se que se façam claras ao longo do texto, ainda que, dado seu escopo e propósitos mais imediatos, ele se sirva de linguagem tão corrente quanto possível e mantenha implícitas as questões mais estruturais, bem como as tensões e transformações internas da obra do autor. É Heidegger, em todo caso, quem afirma em balanço de 1963: «Mas a fenomenologia, naquilo que lhe é mais próprio, não é de todo uma tendência. Ela se transforma ao longo do tempo e só assim permanece uma possibilidade do pensar capaz de corresponder ao apelo daquilo que precisa ser pensado» (GA 24, p. 101)¹². A fenomenologia hermenêutica que inspira este texto se pretende, em suma, caminho para pensar algo que hoje pede prementemente para ser pensado, no caso nossa respiração num mundo cada vez mais ubiquamente tecnológico e ora atravessado por uma pandemia viral.

Ainda, na medida em que a preocupação de fundo é fazer aparecerem sob outra luz — ensejando transformações — as relações hegemônicas com o mundo no qual vivemos e do qual deveríamos cuidar, há que se perguntar por que a respiração seria mais relevante que outras relações corporais nossas com o ambiente circundante, como a visão, a audição, o gosto, o tato, o olfato, nossa motilidade e capacidade de reprodução, diferenciadamente vivenciada pelas mulheres. É decerto possível e promissor explorar cada uma dessas formas de relação com o mundo. A visão, como Merleau-Ponty ressaltou em *L'oeil and l'esprit*¹³, é um enigma capaz de suscitar inesgotáveis reflexões. A audição nos oferece experiência singular e multidimensional do mundo circundante, e o tato tem a ver com nossa inteira experiência corpórea e suas formidáveis plasticidades. São muitas as linhas de investigação já abertas por fenomenólogos: por exemplo por Hannah Arendt, com sua fenomenologia da *vita activa*. Mas, não fosse suficiente o gatilho da pandemia, a respiração tem algumas características ímpares, sobretudo no que nos oferece em seu acontecer ocasião de redescobrir e estranhar várias das outras relações elencadas. Tome-se como exemplo a experiência tátil do ar que entra pelo nariz, passa pela traqueia e, em cumplicidade com o diafragma, enche nossos elásticos pulmões.

¹¹ Irigaray, Luce. Paris, Minuit, 1983.

¹² Tradução minha de: “Allein die Phänomenologie ist in ihrem Eigensten keine Richtung. Sie ist die zu Zeiten sich wandelnde und nur dadurch bleibende Möglichkeit des Denkens, dem Anspruch des zu Denkenden zu entsprechen”.

¹³ Merleau-Ponty (1964), *L'oeil et l'esprit*, p. 26 et seq.

Uma segunda demarcação necessária, além da fronteira com os outros sentidos e relações corporais com o mundo, concerne a culturas orientais como as da Índia e da China, que colocam o alento no centro mesmo da sua espiritualidade, não sendo todavia por ora claro como essa centralidade se replica no dia a dia das suas populações e quão decisiva possa ter sido ou estar sendo durante a pandemia. Com a mesma ressalva, também os gregos antigos dedicaram atenção diferenciada ao *pneuma*¹⁴. O problema é que não é fácil resgatar esses interesses tradicionais das caricaturas — idealizadas ou depreciadas — que no Ocidente contemporâneo fazemos das sabedorias antigas. A alternativa aqui é em todo caso descrever a respiração a partir da forma como se mostra em certa banalidade cotidiana, ora perturbada pela pandemia. A anormalidade epidemiológica pode, com sorte, nos ajudar a dirigir olhares para nossos hábitos respiratórios, inclusive de modo a viabilizar diálogos futuros com outras tradições.

Um último elenco de demarcações se refere aos estudos filosóficos hoje existentes sobre a respiração. Além da já citada página mantida pelas Universidades de Bristol e Durham, o filósofo esloveno Lenart Skof e o finlandês Petri Berndtson publicaram em 2018 o livro *Atmospheres of Breathing*, coletânea de 17 ensaios em torno do que seria o advento de uma «filosofia respiratória». O livro tem tom de manifesto, com o Nobel de literatura Elias Canetti sendo evocado para dizer que: «Não é suficiente pensar, é preciso respirar. Perigosos são os pensadores que não respiram suficientemente».¹⁵ Descartes seria o paradigma desse déficit respiratório. A coletânea é em todo caso diversificada, com muitas referências à fenomenologia e a Heidegger em particular, além de vários ensaios dedicados às *philosophical traditions of breathing*¹⁶. Desse conjunto de autores há muito provavelmente de emergir literatura sintonizada com a pandemia.

Finalmente digno de menção é o livro *Luftbeben*, de Peter Sloterdijk, de 2002, no que constrói uma história do século passado que teria início em 1915, com o uso pelos alemães de armas químicas gasosas contra os franceses. Teríamos então nos dado conta da atmosfera que nos cerca de uma forma nova e sinistra. Um dos autores da coletânea há pouco mencionada, o holandês Marijn Nieywenhuis, chega inclusive a enfatizar a necessidade de elaboração de uma história da respiração e da atmosfera, para além da tese de Sloterdijk¹⁷.

3. Da respiração cotidiana ao macro e ao microcosmos

Todas essas demarcações feitas, cabe voltar ao respirar cotidiano. Seu primeiro rosto é o rosto físico, biológico, individual, com que lidamos desde o nascimento. O ar entra e sai dos nossos pulmões e assim nos mantém vivos. É algo tão natural e familiar que nos passa despercebido. Mesmo que sua frequência e profundidade variem de situação para situação, usualmente não nos damos conta da nossa respiração.

Quais são, enfim, as circunstâncias em que essa familiaridade se quebra, fazendo com que prestemos atenção ao nosso respirar? Isso se dá, por exemplo, ao ficarmos

¹⁴ Um primeira menção ao *pneuma* pode ser encontrada em Anaximenes, frag. 2 (DK 13 B2). A noção foi especialmente cara aos estoicos.

¹⁵ Skof & Berndtson (2018), p. X.

¹⁶ Idem, p. IX.

¹⁷ “The Politics of Breathing: knowledge on air and respiration”, in Skof & Berndtson (2018), p. 208. Ver ainda Sloterdijk, Peter (2020). “O regresso à frivolidade não vai ser fácil”. O autor não fala todavia de “respiração” nessa entrevista sobre a pandemia. A atmosfera que tem sua atenção é a “atmosfera de frivolidade” que sustenta o atual consumismo, junto com o conceito de “imunidade”.

deficientes de oxigênio em função de práticas esportivas ou outros esforços intensos, quando temos, por alguma razão, que controlar nosso ritmo respiratório, como os mergulhadores ou as mães durante os partos naturais. O fumo e experiência de climas muito frios ou muito quentes podem também nos colocar em contato com o nosso respirar, quanto mais não seja por via tátil. No caso da Covid-19, por se tratar de «uma síndrome respiratória severa aguda» (*severe acute respiratory syndrome – SARS*), acontece das pessoas só se darem real conta de que respiram já em situação de desconforto ou sofrimento, mesmo às vésperas de ficarem inconscientes. Uma vez recuperadas, seria de se esperar que a memória do sofrimento fizesse nascer um novo apreço pelo respirar. A princípio, também aqueles não severamente infectados pelo vírus poderiam, diante da tragédia dos seus entes queridos, descobrir a dádiva do respirar. Em qualquer desses casos, seria necessário procurar por uma atenção mais persistente ao fenômeno, que não fosse simplesmente instrumental e que, com *alguma sorte*, pudesse migrar do plano ôntico ao ontológico, mais precisamente, se virar em compreensão do aberto no qual já sempre estamos lançados e em cuja atmosférica plasticidade existimos.

Como seja, é a esta altura impossível não falar da *meditação*, que em algumas de suas formas se configura como experiência focal do respirar em suas dimensões mais profundas e gratuitas¹⁸. São muitas as técnicas de meditação espalhadas pelas diversas culturas e tempos. Mais usualmente relacionada a formas de vida místicas ou religiosas, a prática da meditação é hoje estimada também no mundo capitalista pelas suas vantagens competitivas, isto é, por sua capacidade de nos fazer mais equilibrados e criativos, consequentemente mais produtivos. Mas, não é aqui o caso de cotejar técnicas de meditação, místicas ou instrumentais, mesmo porque seria necessário perguntar conjuntamente por que até hoje essas práticas não foram mais disseminada e seriamente adotadas nas culturas que as originaram ou as abrigam. Não custa insistir, a questão aqui central é se a pandemia pode favorecer algum crescimento da atenção à importância da respiração, inclusive pela via da meditação, a ponto de fomentar novas relações com o mundo — a discutir em que escala e tempo¹⁹.

Inspiração-expiração, interior-exterior, compressão-expansão, corpo-ambiente, identidade-alteridade, todos essas dimensões e movimentos estão proximamente relacionados com a respiração no sentido amplo já evocado. Seu ritmo pode ser determinado tanto naturalmente, como acontece quando dormimos, como pode ser intencionalmente alterado, como acontece quando fazemos hiperpnéia ou inspiramos mais profundamente em busca de identificação de um odor. A respiração é nesse sentido bem diferente das outras funções fisiológicas, como a circulação sanguínea ou o sistema renal.

Fenômeno regular e natural, tomamos a respiração por garantida. Como os óculos que usamos em nossos rostos, ela é o que há de mais próximo e mais distante²⁰. *Percebê-la* como fenômeno demanda firme decisão: é preciso ao mesmo tempo deixá-la

¹⁸ Uma das fontes não bibliográficas deste artigo é a experiência de “técnicas de meditação” aprendidas nos anos 1990 do indiano Prem Pal Singh Rawat. Ver Prem Rawat, in Wikipedia; e The Prem Rawat Foundation.

¹⁹ Além do livro organizado por Skof & Berndtson, é importante indicar aqui o número especial da revista *Body & Society*, intitulado “Interdisciplinary perspectives on breath, body and the world”, que, apesar de ter sido publicado em junho de 2020, ainda não menciona a pandemia. A publicação está relacionada ao website *Life of Breath*, já referido. Ver, por exemplo, MacNaughton, Jane. “Making breath visible – reflections on relations between bodies, breath and world in the critical medical humanities”, que enfatiza fortemente a invisibilidade do respirar; e Ingold, Tim. “On breath and breathing – a concluding comment”.

²⁰ Ver Heidegger, GA 2, §23: A espacialidade do ser-no-mundo.

acontecer e plenamente senti-la, contemplá-la. Requer coragem deixar ser o respirar em sua pura espontaneidade. Quem, ou o quê, nos mantém respirando? O corpo? Uma natureza externa, transcendente ao corpo? O grande cosmos? Nossas divindades? Por quanto tempo? Com que garantias?

Fato é que outras interrogações não usuais se seguem da abertura à gratuidade do alento vital. Quantas coisas precisam acontecer para que permaneçamos respirando? Consideremos, por exemplo, o movimento da terra em torno do seu eixo e a distância que guarda do sol. Assim como a composição da nossa atmosfera, a temperatura de que necessitamos para sobreviver depende desse compasso e equilíbrio. Físicos e astrônomos discutem as relações do nosso sistema planetário com o cosmos que o circunda e precisa observar sua rotina, para que nossa biosfera se mantenha estável. Alguns chegam a sustentar que o universo pulsa, expandindo-se e contraindo-se num lapso temporal inimaginavelmente lento. Descendo abruptamente à «Gaia», não é menos complexo o equilíbrio hoje ameaçado na era que os ambientalistas chamam hesitantemente de «Antropoceno»²¹.

O assombro frente à imensidão cósmica, celeste ou terrena, é de fato muito antigo. Apesar de termos acrescentado muitos novos fenômenos ao céu sobre nossas cabeças e ao ambiente terreno à nossa volta, nunca aprendemos a lidar com o espanto posto pelos gregos na origem da filosofia. Foram muitos os meandros e extravios experimentados desde então. Pegando carona na terceira crítica kantiana, surge a questão da «cultura de longe mais vasta» (Kant, KU, 110) capaz de sustentar a contemplação das forças e imensidões inimagináveis, em sua *sublime* gratuidade e com o devido *respeito*. Nenhum fenômeno, por mais formidável que seja, sobretudo nenhuma sensibilidade coletivas, têm proporcionado esteio a assombros mais genuínos e duradouros. Nossa cultura é em vez disso impressionantemente assertiva e opiniática, com pouquíssimo espaço para suspensões interrogativas mais duradouras.

E quanto à respiração? O ar que inspiramos precisa de composição adequada à absorção pelos nossos pulmões. Do contrário, não renovará nosso sangue e não irrigará nosso cérebro, órgão que, além de outras funções, deve manter nosso coração batendo, nosso sangue circulando e, fechando o ciclo, nossos pulmões absorvendo oxigênio. Num nível ainda mais espantoso, dependente de sutis campos magnéticos e regularidades microcósmicas, as células que constituem nossos corpos, junto com os átomos e partículas subatômicas que as compõem, devem se comportar segundo suas naturezas para que sigamos respirando e vivendo. Enfim, tributária dessa miríade de condições, nossa respiração pode simples e subitamente cessar enquanto dormimos, fazendo com que acordar todas as manhãs seja no fim das contas uma coisa extraordinária. Mas quem é capaz de se manter disso minimamente lembrado?

Seria o caso, em outra oportunidade, de cotejar a experiência resolvida da gratuidade do respirar com a da angústia, posta por Heidegger como disposição afetiva correspondente à experiência do nosso ser mais próprio e pleno. Não deixa, inclusive, de ser curioso o fato de que a única menção mais explícita de Heidegger à respiração em *Ser e Tempo* aconteça no parágrafo 40, que trata justamente da angústia. Lá se diz, em referência ao que na angústia ameaça, que «está aí — e mesmo em nenhum lugar, está tão perto que oprime e tira o fôlego» (GA 2, p. 248)²². Pode-se depreender dessa passagem,

²¹ Ver Haraway, Donna (2016): Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Para “Gaia”, ver Lovelock, James (2000). *Gaia: a new look at life on Earth*.

²² A frase integral da qual o recorte foi por mim traduzido é: “Das Drohende kann sich deshalb auch nicht aus einer bestimmten Richtung her innerhalb der Nähe nähern, es ist schon »da« — und doch nirgends, es ist so nah, daß es beengt und einem den Atem verschlägt — und doch nirgends. Grifo meu.

mesmo que tomada figuradamente, que o ser-áí que se angustia respira e tem corpo, ainda que estes não sejam tematicamente discutidos no tratado. Importante é assinalar o fato de a respiração remeter, quando mais detidamente pensada, à mesma estranheza e falta de chão que a existência propriamente dita, sendo inclusive tentador ver no fenômeno respiratório uma ligação singular entre os âmbitos ôntico e ontológico, centrais na analítica existencial heideggeriana. Se, o atravessamento do nosso ser pela angústia pode ser evocado por remissão à respiração – à “perda do fôlego” –, também o caminho inverso, ôntico-ontológico, há de poder ser explorado.

4. Consciência da respiração

É certamente importante não perder de vista o possível espanto com os ritmos e estabilidades naturais, que têm na respiração uma expressão eloquente, espacial e temporalmente formidável. Ainda mais importante para uma modificação do nosso *ethos*, individual e coletivo, é todavia fazer a experiência de nós mesmos como lugares onde esse assombro pode se dar. É decerto difícil imaginar as experiências de mundo vividas, por exemplo, por um morcego ou por um carvalho. Mas, não é desarrazoado considerar que o Ser, como «*transcendens puro e simples*» (Heidegger, 1977, p. 51)²³, que, sem renunciar ao seu resguardado *mistério* proporciona aos morcegos e carvalhos os seus mundos ambientes específicos, abra ao *Dasein* uma mundanidade onde há, entre outros entes, morcegos, carvalhos e, sob certas condições, perguntas sobre como *mundos* podem afinal se estruturar, diferenciar e interpenetrar.

Como propôs Heidegger em *Ser e Tempo*, nos encontramos já sempre lançados numa abertura de sentido que, de forma ambivalente, apenas em nossa linguagem recebe o nome de «mundo» (*Welt*). Tendemos em nossas vidas cotidianas a perder de vista o fato de sermos lugares onde a própria mundanidade pode ser posta em questão. Em outras palavras, vivemos *estruturalmente esquecidos* da nossa simbiose existencial com a coisa imensa e mais antiga por nós chamada de mundo, o que não significa, à luz das possibilidades que caracterizam essa existencialidade, que corporeidades, instrumentalidades, ambiências e condições históricas não possam alterar, em maior ou menor grau, nosso pendor para interrogações mais essenciais.

Crítica-se Heidegger por ter depreciado os entes não humanos na sua capacidade de constituir mundos²⁴. Não entrarei aqui nessa discussão, sequer para defender o pensador. Minha compreensão da questão é a de que somente tendo a experiência da nossa própria singularidade e dignidade ontológica é que podemos reconhecer outras formas de vida como intrinsecamente dignas. Não há dúvida razoável, por exemplo, de que animais e plantas respiram. Mas, como podem essas diversidades respiratórias verdadeiramente nos tocar, se não conseguimos experimentar, minimamente que seja, as plasticidades e transcendências do nosso próprio respirar, em outras palavras, seu inusitado acontecimento em nosso corpóreo ser-no-mundo.

Não custa repetir, a esperança aqui compartilhada é a de que uma eventual descoberta da respiração durante a pandemia de Covid-19, uma doença produtora de danos respiratórios muito graves, que introduziu flagrante quebra nos nossos ritmos ordinários de vida, possa produzir algum deslocamento ontologicamente relevante, algum estranhamento capaz de gestar, em tempo a discutir, formas de relação com o mundo

²³ É relevante a nota “a”, disponível na edição da Klostermann.

²⁴ Ver Heidegger, GA29/30, § 42.

outras que não a prefigurada pelo atual delírio de controle e consumo. Com a licença do Heidegger tardio, uma tal ressignificação do respirar poderia nos ajudar na abertura ao pensamento do ser, entrelaçando dimensões tão distintas quanto as da ipseidade, da corporeidade, da historicidade, das plasticidades e topologias do ser.

5. Circunstâncias político-sociais, hegemonia tecnológica e história do ser

Muitas pessoas morreram e ainda estão a morrer de falta de ar. A pandemia é um evento de longe mais concreta e imediatamente perceptível que a mudança climática. Independente de considerarmos sua eclosão como consequência do desequilíbrio ambiental, o fato é que a falência respiratória tem sido dolorosamente experimentada ao redor do mundo, e no Brasil o foi de forma particularmente trágica em estados como o Amazonas²⁵. Por que, enfim, esse cenário não foi capaz de deflagrar transformações minimamente significativas no comportamento individual e coletivo dos brasileiros?

Retomando tópico já levantado, não é usual quando alguém morre de Covid que os parentes e amigos experimentem mais decisivamente a importância da respiração. As pessoas estão atoladas de trabalho e imersas em tsunamis de informação: os mais pobres lutando por comida e condições de sobrevivência, e os mais ricos por patrimônio, poder, status, privilégios. Já muito antes da pandemia, brasileiros de estratos diversos usavam a gíria «sufoco» para se referir ao seu ritmo diário de vida. O termo se refere a situações em que nos encontramos em impositiva e constante pressa, acossados por necessidades sociais, econômicas e psicológicas.

É então caso de examinar a presente hegemonia tecnológica em sua relação com esse estado de coisas. Em vez de economizar tempo para descanso, entretenimento ou poesia, a tecnologia acelera dramaticamente o ritmo das vidas. Via propaganda, nos promete um futuro glamoroso, «exponencial», repleto de novas comodidades e abundâncias. Ao mesmo tempo, nos adverte e mesmeriza com distópicos filmes de ficção científica, num imbróglie narrativo que beira a esquizofrenia. *Checks and balances*, nós mais geralmente confiamos na tecnologia. Tudo que agora importa é recuperar o costumeiro ritmo de vida, por mais alucinado que viesse sendo, e somente a tecnologia pode nos proporcionar essa restauração. A expectativa de restituição das velhas cotidianidades é decerto planetária. O poder de condicionamento das novas tecnologias é pervasivo a ponto de nos acostumarmos com a respiração curta e incerta, e com paradoxos que colocam na mesma mesa a promessa de um tempo de singular bem-aventurança e um apocalipse já inexoravelmente em curso.

É lugar comum, com estridentes, mas minoritárias contestações, que já somente as vacinas podem nos salvar. Mas, se salvar significa proporcionar regresso à respiração alienada, à falta de atenção ao mundo e às alteridades ambientes, que chances temos, passada a borrasca trazida pela pandemia, de escapar dessa impressionante pobreza existencial, sequer de colocar convincentemente em questão os ditames do enquadramento técnico [*Gestell*] que a produz e oculta²⁶?

Não há de ser mero desvio recapitular, a esta altura do texto, que no Brasil as coisas se puseram em desarranjo particularmente atroz. Respalda por convicto eleitorado, o mandatário maior do país colocou abertamente em dúvida a gravidade da pandemia,

²⁵ Ver por exemplo Schmidt, Steffanie (2021). “Amazonas vive a dor que não cessa após um mês de colapso na saúde”.

²⁶ Ver “Die Frage nach der Technik”, in Heidegger, GA 7, pp. 5-36.

que não passaria de uma «gripezinha» para o grosso da sua resistente população. Alegadamente em nome da prioridade econômica e dos direitos fundamentais, atacou o isolamento social, o uso de máscaras e mesmo o imperativo da vacinação. Alegava que as pessoas precisam trabalhar, ter de volta suas liberdades e seu direito de respirar sem mordaça.

A insistência nessa crônica serve para ilustrar que, se é problemático enxergar a pandemia como acontecimento com potencial de transformação histórico-ontológica, da ordem do «perigo que salva» ou do advento de um «outro início», parece, no sentido inverso, não ter fundo o abismo que vai do encobrimento à errância, da errância ao desnorreamento²⁷ e, no presente caso, do desnorreamento a uma falência discursiva que arrasta consigo compreensão e afetos para uma indigência existencial tão impensável quanto ciosa de si mesma.

Podem parecer estranho inscrever a atual saga brasileira numa história do Ser que tem em sua historiografia eventos funestos como o extermínio promovido pelos nazistas, a bomba de Hiroshima, massacres colonialistas como o perpetrado no Congo belga, mesmo eventos pandêmicos recentes como a infecção por HIV. Não se trata aqui, todavia, de comparação entre flagelos historiográficos. É o fundo histórico-ontológico a partir do qual todos esses eventos gravíssimos se instanciam que se põe primeiramente em questão para Heidegger. É certamente nesse sentido que ele diz, provocativamente, no opúsculo *Serenidade* que: «Não conjecturamos que está sendo preparado um ataque com meios técnicos à vida e ao ser do homem, em comparação ao qual a explosão das bombas de hidrogênio pouco significa». Logo adiante completa: «Mais estranho ainda é que não estejamos preparados para essa transformação, que não sejamos capazes de chegar meditativamente a uma adequada problematização daquilo que propriamente surge em nossa época» (GA 16, p. 526)²⁸.

Emblemático, no caso brasileiro, é a *absoluta* falta de compreensão do que está em jogo em termos planetários, a ponto de as novíssimas tecnologias de comunicação serem desatinada e deliberadamente usadas para produzir desinformação e desnorreamento. Seja como for, é mundialmente de se lamentar a perda da chance de abertura, via respiração, para modos de existência ontologicamente menos extraviados de si mesmos, sem o quê sabe-se lá que novas catástrofes assolarão a cena terrena em futuro próximo.

Novamente com a licença do Heidegger tardio, a relação com a respiração que a pandemia evidencia – ou deveria evidenciar – poderia nos ajudar com o que ele em 1951 definiu como “o mais problemático do nosso problemático tempo” (GA 8, p.7)²⁹, em paráfrase, o fato de não percebermos o quanto há por pensar. Pois, assim como as mãos não são meros órgãos preênses³⁰, tampouco nossa respiração está restrita a dimensões fisiológicas e instrumentais.

²⁷ Ver “Vom Wesen der Wahrheit” (1930), in Heidegger, GA 9, pp. 177-202.

²⁸ A passagem integral da qual o recorte foi por mim traduzido é: “*Man bedenkt nicht dass sich hier mit dem Mitteln ein Angriff auf das Leben und das Wesen des Menschen vorbereitet, mit dem verglichen die Explosion der Wasserstoffbomben wenig bedeutet. Denn gerade wenn die Wasserstoffbomben nicht explodieren und des Leben des Menschen auf der Erde erhalten bleibt, zieht mit dem Atomzeitalter eine unheimliche Veränderung der Welt herauf. Dabei ist jedoch das eigentlich Unheimliche nicht dies, das die Welt zu einer durch und durch technischen wird. Weit unheillicher bleibt, dass der Menschen für diese Weltveränderung nicht vorbereitet ist, dass wir es noch nicht vermögen, besinnlich denkend in eine sachgemässe Auseinandersetzung mit dem zu gelangen, was in diesem Zeitalter eigentlich heraufkommen.*” Grifos meus nos trechos traduzidos, com exceção da palavra *nicht*.

²⁹ Tradução minha de: “Das Bedenklichste in unserer bedenklichen Zeit [...]”

³⁰ Ver GA 8, p. 18 et seq.

6. Considerações finais

Dirigir a atenção para a pandêmica síndrome respiratória que vai se demorando entre nós é, em suma, uma tentativa simultaneamente modesta e desesperada de produzir algum estranhamento da nossa presente condição existencial. Prestar genuína atenção ao nosso pulso respiratório é decerto difícil, mesmo quando firmemente decididos a fazê-lo. Nosso foco é atraído e deslocado por um incontável número de assuntos, acontecimentos e preocupações, em sucessão hiperbolicamente rápida e baralhada nestes presentes tempos, numa instanciação de fazer inveja a quaisquer antecedentes históricos da tagarelice e da impessoalidade mais esquecida de si mesma. Assim acelerados, é de todo impossível experimentar coisas tais como a sutil e plástica força do universo pulsando em nossos finitos corpos. A coisa é, enfim, ainda mais grave do ponto de vista coletivo ou midiático, com ausência quase completa de atenção à respiração no caudal informativo³¹.

Tema para um próximo ensaio, o advento do *metaverso*³², mais recente grito tecnológico, inaugura perigos novos e insólitos, ficando por pensar que promessas de salvação a eles se acoplam. As experiências das realidades virtuais encontravam, até bem pouco tempo, limites à inclusão de aromas, paladares e alguns outros horizontes corporais. Avanços recentes das neurociências flertam, entretanto, com possibilidades de estímulo alternativo dos centros neurais responsáveis por muitas das nossas sensações. Cabe retoricamente perguntar, de modo a enfatizar a singularidade da respiração, o que dela será feito no metaverso. A discussão é complexa e relacionada ao recente debate sobre as relações mente-corpo travado no âmbito das neurociências e das ciências da computação, por exemplo, no que discutem a real necessidade de «corpo» — que dirá respiração — na produção de *inteligências artificiais gerais*.³³

Resumindo o que aqui foi apresentado, este ensaio flerta com a possibilidade de que o trauma trazido pela pandemia ainda possa abrir caminhos novos para nossa sôfrega cotidianidade mediana, em outras palavras, que o peso de viver e morrer asfixiados possa nos chamar atenção para as dimensões mais insondáveis e nobres do nosso alento respiratório. Fato é que após dois anos da irrupção da pandemia, não há sinal de atenções mais decisivas à respiração no sentido em epígrafe. Pior do que isso, é uma ordem ainda mais tecnicamente condicionante e célere a que vai se erguendo no horizonte pós-pandêmico.

Podemos seguir acelerando nosso ritmo de vida indefinidamente? Ou é razoável antever outros pontos de esgarçamento existencial, quiçá mais convincentes que essa recente onda de mortes por causa respiratória? Impossível não perguntar, à guisa de finalização, o que poderia ser mais pedagógico que as mortes solitárias de entes queridos, que a imagem de profissionais da saúde vestidos como personagens de filme B de ficção científica, ou que as covas rasas cavadas lado a lado, fotografadas por drones e exibidas à farta pelo mundo afora.

³¹ Exceção que não apenas confirma a regra, mas define a ubiquidade do fenômeno tecnológico, é a proliferação de aplicativos de relaxamento, como o Calm, o Sleepo, o Namastê, o Serenity, o Meditopia, o Insight Timer, o Daily Yoga.

³² Ver p. ex. Zuckerberg, Mark (2020): “The Metaverse and how we’ll build it together”.

³³ Boa recuperação dessa discussão em termos heideggerianos pode ser encontrada em Dreyfus (2007): “Why Heideggerian AI failed and how fixing it would require making it more Heideggerian”.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio (2020). “The invention of an epidemic”, in *European Journal of Psychoanalysis*. Recuperado de <https://www.journal-psychoanalysis.eu/coronavirus-and-philosophers/>
- AGOSTINHO (1973). *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos, S.J. e A. Ambrósio de Pina, S.J. São Paulo: Os Pensadores.
- AMADEO, Pablo (Ed.) (2020). *Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias*. Editorial ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio). Recuperado de <https://bit.ly/sopadewuhan>
- ARENDT, Hannah (1958). *The Human Condition*. Chicago: University of Chicago Press.
- CAVALCANTE, Marcia (2020). “Pensar em tempos de pandemia”, in *O que nos faz pensar*, v. 29, n. 46, pp. 8-18. doi: 10.32334/oqnf.2020n46a729
- DIELS, Hermman & KRANZ, Walther (1960). *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Berlin: Weidmannsche Verlagsbuchhandlung.
- DREYFUS, Hubert (2007). “Why Heideggerian AI failed and How Fixing it Would Require making it More Heideggerian”, in *Artificial Intelligence* 171, pp. 1137–1160. doi: 10.1016/j.artint.2007.10.012.
- DUARTE, André (2020). *A Pandemia e o Pandemônio*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- DUARTE, Pedro (2020). *A Pandemia e o Exílio do Mundo*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- FRANCO FERRAZ, Maria Cristina (2020). “Pandemia pensante: notas sobre o que estamos nos tornando”, in *O que nos faz pensar*, v. 29, n. 46, pp. 110-123. doi: 10.32334/oqnf.2020n46a727.
- HARAWAY. Donna (2016). *Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes*. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. ClimaCom – Vulnerabilidade [Online], Campinas, ano 3, n.5. Recuperado de <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>
- HEIDEGGER, Martin, GA 2, *Sein und Zeit* [1927]. Ed. F.W. von Herrmann. Frankfurt a. M.: Klostermann, 1977.
- HEIDEGGER, Martin, GA 7, *Vorträge und Aufsätze*. Ed. F.W. von Herrmann. Frankfurt a. M.: Klostermann, 2000.
- HEIDEGGER, Martin, GA 8, *Was heisst Denken?* [1951/1952]. Ed. P.L. Coriando. Frankfurt a. M.: Klostermann, 2002.
- HEIDEGGER, Martin, GA9, *Wegmarken*. Ed. F.W. von Herrmann. Frankfurt a. M.: Klostermann, 1976.
- HEIDEGGER, Martin, GA 14. *Zur Sache des Denkens* [1962-1964]. Ed. F.W. von Herrmann. Frankfurt a. M.: Klotermann, 2002.
- HEIDEGGER, Martin, GA 16, *Rede und anderen Zeugnisse eines Lebensweges*. Ed. H. Heidegger. Frankfurt a. M.: Klostermann, 2000.
- HEIDEGGER, Martin, GA 29/30, *Die Grundbegriffe der Metaphysik. Welt – Endlichkeit – Einsamkeit* [1929/30]. Ed. F.W. von Herrmann. Frankfurt a. M.: Klostermann, 1983.
- INGOLD, Tim (2020). “On Breathing and Breath: a concluding comment,” in *Body & Society* 26(2), pp. 158-167. Recuperado de <https://lifeofbreath.org/2020/07/interdisciplinary-perspectives-on-breath-body-and-world-2020/>
- JARDIM, Eduardo (2020). “Crônicas sobre a Covid-19”, in *O que nos faz pensar*, v. 29, n. 46, pp. 19-29. doi: 10.32334/oqnf.2020n46a738.
- KANT, Immanuel (1983). *Kritik der Urteilskraft* [1790]. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft (Werke in Zehn Bänden).
- LIFE OF BREATH (2015-2020). Recuperado de <https://lifeofbreath.webspace.durham.ac.uk/>

- LOTUFO, Paulo (2020). “Coronavírus: covid-19 não pode ser pensada só como doença respiratória” — entrevista para João Fellet, in BBC News Brasil. Recuperado de <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52672009>
- LOVELOCK, James (2000). *Gaia: a new look at life on Earth* [1979]. New York: Oxford University Press.
- LYRA, Edgar (2020). “Covid Pandemic in Brazil and the World: an approach through breathing”, in *Keanean Journal of Arts*, Vol.VII nº1, pp. 313-315. Recuperado de https://www.academia.edu/44744197/Covid_Pandemic_in_Brazil_and_in_the_World_an_approach_through_breathing (revised version)
- MBEMBE, Achille (2020). «Le droit universel à la respiration», in *AOC – Analyse Opinion Critique*. Recuperado de <https://aoc.media/opinion/2020/04/05/le-droit-universel-a-la-respiration/>
- MACNAUGHTON, Jane (2020). “Making Breath Visible – reflections on relations between bodies, breath and world in the critical medical humanities”, in *Body & Society* 26 (2), pp. 30-54. doi:10.1177/1357034X20902526
- MANOR U., YUAN Z.-Y., SHYY J.Y.-J. et al. (2021). “SARS-CoV-2 Spike Protein Impairs Endothelial Function via Downregulation of ACE 2”, in *Circulation Research*, Volume 128, Issue 9, pp. 1323-1326. Recuperado de <https://www.ahajournals.org/doi/epub/10.1161/CIRCRESAHA.121.318902>
- MCLUSKY, Sarah (2020). “A pandemic of breathlessness?”, in *The Life of Breath*. Recuperado de <https://lifeofbreath.webspace.durham.ac.uk/a-pandemic-of-breathlessness/>
- MERLEAU-PONTY, Maurice (1964). *L’Oeil et l’Esprit*. Paris: Gallimard.
- PALMEIRO, Tito (2020). “Chorar nossos mortos”, in *O que nos faz pensar*, v. 29, n. 46, pp. 44-57. doi: 10.32334/oqnpf.2020n46a735.
- PREM RAWAT. In Wikipedia, The Free Encyclopedia. Retrieved from https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Prem_Rawat&oldid=1074403134
- RUSSELL, Andrew & OXLEY, Rebecca (eds.) (2020). “Interdisciplinary Perspectives on Breath, Body and World”, in *Body & Society*, 26 (2), pp. 3-29. doi: 10.1177/1357034X20913103
- SAFATLE, Valdimir (2020): “Bolsonaro se Acha Capaz de Esconder os Corpos – entrevista à Pública – Agência de Jornalismo Investigativo”. Recuperado de <https://apublica.org/2020/04/safatle-bolsonaro-se-acha-capaz-de-esconder-os-corpos/>
- SAFATLE, Valdimir (2020). “O Brasil e sua Engenharia da Indiferença”, in *El País Brasil*. Recuperado de <https://brasil.elpais.com/opinion/2020-07-02/o-brasil-e-sua-engenharia-da-indiferenca.html>
- SCHMIDT, Steffanie (2021). “Amazonas vive a dor que não cessa após um mês de colapso na saúde”, in *El País Brasil*. Recuperado de <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-02-16/amazonas-vive-a-dor-que-nao-cessa-apos-um-mes-de-colapso-na-saude.html>
- SLOTERDIJK, Peter (2020). “O regresso à frivolidade não vai ser fácil — entrevista para Ana Carbajosa”, in *El País Brasil*. Recuperado de <https://brasil.elpais.com/ideas/2020-05-09/peter-sloterdijk-o-regresso-a-frivolidade-nao-vai-ser-facil.html>
- SKOF, Lenart & BERNDTSON, Petri (2018). *Atmospheres of Breathing*. Albany, NY: Sunny Press. THE PREM RAWAT FOUNDATION. Recuperado de <https://tprf.org/>
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (2022). Recuperado de <https://covid19.who.int/>
- WORLDOMETER CORONAVIRUS (2022). Recuperado de <https://www.worldometers.info/coronavirus/country/brazil/>
- ZIZEK, Slavoj (2020). “Coronavirus is ‘Kill Bill’-esque blow to capitalism and could lead to reinvention of communism”, in *RT Open Edition*. Recuperado de <https://www.rt.com/op-ed/481831-coronavirus-kill-bill-capitalism-communism/>
- ZUCKERBERG, Mark (2021). “The Metaverse and How We’ll Build It Together”. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=Uvufun6xer8&t=9s>